

**IX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del
Deporte (ALESDE)
Deportes, prácticas democráticas y sociedad: nuevas encrucijadas y desafíos en las
tramas regionales**

**Análisis de la representación femenina en la etapa nacional de los Juegos de
Instituciones Federales Brasileñas.**

**Análise da representatividade feminina na etapa nacional dos Jogos das Instituições
Federais Brasileiras.**

Eje 4: Deporte, cuerpo y género

Autores/as:

Andrade, Vanessa Mota:

Universidade Estadual de Maringá, Instituto Federal do Paraná, Brasil,
vanessa.andrade.uem@gmail.com

Azevedo, Andrea dos Santos:

Universidade Estadual de Maringá, Instituto Federal do Pará, Brasil,
andreazevedo35@yahoo.com.br

Bernabé, Andressa Peloi:

Universidade Estadual de Maringá, Brasil, andressa.bernabe@hotmail.com

Resumen:

El presente trabajo tiene por objetivo analizar la representatividad femenina en las etapas nacionales de los Juegos de las Instituciones Federales en los años 2018, 2019, 2022 y 2023, considerando las especificidades de estas ediciones y la relación con los tipos de modalidad (colectivas e individuales). La representación femenina en juegos escolares es un tema que ha ganado atención en la literatura científica, especialmente en el contexto de las cuestiones de género y equidad en el deporte. Mediante un análisis longitudinal con carácter exploratorio, los datos fueron obtenidos a partir de reglamentos, boletines e informes de las diferentes ediciones, donde se analizaron los valores porcentuales relativos a la participación de estudiantes del género masculino y femenino en las modalidades colectivas e individuales. Considerando los datos presentados, se observó una superioridad en el número de estudiantes/atletas masculinos en relación con las femeninas en todas las ediciones. Se observaron diferencias significativas a través de la Prueba T al comparar la relación de género en las modalidades colectivas ($p = 0.007$) e individuales ($p = 0.03$). Los datos corroboran los hallazgos de la literatura, que indican una superioridad masculina en competiciones deportivas escolares. Este contexto refuerza la necesidad de una mayor reflexión sobre los

motivos que influyen en la menor participación femenina de las estudiantes de las instituciones federales de enseñanza en los juegos y la necesidad de implementar acciones que promuevan una mayor participación femenina, garantizando un ambiente más inclusivo para todos los estudiantes.

Palabras clave: Deporte - mujer - equidad - juegos escolares.

Introdução

Ao aprofundar os conhecimentos sobre a participação das mulheres no mundo esportivo, identificamos que diversas áreas desta temática vêm sendo investigadas pelo meio acadêmico. Exemplos incluem a representatividade feminina nas modalidades esportivas (Teles Neto, 2023; Guarnier, 2021), a participação das mulheres em cargos de liderança de federações, competições e clubes (Cunningham, 2021; Krahenbühl e Alencar, 2023; Jancer Ferreira et al., 2023; Drury et al., 2022; Jaime et al., 2021; Oliveira et al., 2019), a participação e os desafios enfrentados pelas mulheres que trabalham com os meios de comunicação esportivos (Pacheco e Silva, 2020), as barreiras enfrentadas durante a carreira das atletas (Martinez-Pascual et al., 2013; Christiansen, 2023; Moura, 2018; Vogel et al., 2024) e a criação e implementação de políticas públicas relacionadas às mulheres no esporte brasileiro (Moura, 2022; Martins e Reis, 2024), entre tantas outras temáticas.

Considerando que desde a antiguidade, quando a mulher era vista apenas como responsável pelos cuidados domésticos e funções maternas (Joncheray e Tlili, 2013), passando por episódios de proibição de práticas esportivas consideradas “incompatíveis com sua natureza”, como aconteceu no Brasil através do Decreto-Lei nº 3.199 de 1941 (Brasil, 1941), até a segregação de meninas nas aulas de Educação Física, a partir de leis como a Lei nº 4.024, de 1961, a qual determinava que a Educação Física deveria ser realizada de forma “utilitária e estética para alunas do sexo feminino e utilitária para alunos do sexo masculino” (Silva e Venâncio, 2005), compreendemos que diversos fatos históricos e sociais atravessam essa relação da mulher com o esporte, e que ainda hoje, influenciam diretamente as práticas profissionais de professores de Educação Física nas escolas de ensino fundamental e médio no Brasil.

Tendo em vista a investigação do esporte e gênero, destacamos aqui a importância da utilização de ambientes escolares como habitats que desempenham uma função relevante nas ações afirmativas de inclusão das mulheres nos espaços esportivos, tradicionalmente dominados por homens (Pimentel e Azevedo, 2024). A promoção da equidade de gênero é

fundamental para garantir que meninas tenham as mesmas oportunidades que meninos nos esportes escolares. Pimentel e Azevedo (2024) ressaltam que não basta identificar a desigualdade; é necessário enfrentar o problema, promovendo grupos "de" ou "para" mulheres e incentivando o empoderamento feminino, uma vez que os homens tendem a marginalizar o acesso das mulheres aos ambientes esportivos. Outros fatores cruciais observados pelos autores dizem respeito ao papel social imposto à mulher pela sociedade e igreja, onde a exclusão das práticas esportivas femininas está associada a uma ideologia de gênero que reserva às mulheres o âmbito doméstico (privado) e aos homens o trabalho e sustento (público). O nível de incentivo do ambiente familiar mostra que a relação entre pais e filhas se fortalece com exemplos positivos dos adultos, mas tende a diminuir quando as meninas entram na adolescência, promovendo a assunção de um papel "feminino" tradicional.

Ao propor analisar a representatividade feminina nos Jogos das Instituições Federais (JIF), é necessário contextualizar que esses jogos são realizados pelas Instituições Federais de Educação Profissional, Científica e Tecnológica do Brasil, tendo iniciado em 2008, quando foram criados os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs). Por iniciativa de professores da Rede Federal, a primeira edição do que viria a ser os JIF foi realizada na cidade de Fortaleza - CE. Ao longo dos anos, os JIF cresceram e passaram a ser estruturados pela Comissão Organizadora dos Jogos das Instituições Federais (COJIF), a qual definiu as características da competição, como a realização de etapas institucionais e regionais para a seleção das equipes da etapa nacional, além da organização das modalidades disputadas, inscrições, estrutura física dos locais de competição, entre outras características (Brasil, 2013; Maciel, 2013).

Apesar de haver uma estrutura pré-estabelecida para a realização da etapa nacional do JIF, onde seis delegações participam da competição (instituições representantes das cinco regiões do Brasil: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, mais a delegação da instituição sede organizadora do evento), algumas edições sofreram mudanças para atender demandas específicas da instituição. Dentre as edições consideradas no presente estudo, duas foram alteradas: no ano de 2019, em comemoração aos 10 anos de criação dos Institutos Federais e 110 anos das Instituições da Rede Federal de Educação, e em 2022, após período pandêmico (Brasil, 2022). Contextualizar essas diferenças no formato de competição dessas edições é necessário, devido ao fato de que não houve um número determinado de delegações inscritas. Todas as quarenta e duas instituições participantes da Rede Federal de Educação foram convidadas a participar, gerando assim um número de inscritos que não atendia aos critérios pré-estabelecidos.

Por se tratar de um evento esportivo institucional, com uma história recente e pouco estudada por especialistas da área, propomos como objetivo deste trabalho analisar a representatividade feminina entre os estudantes/atletas participantes das etapas nacionais dos JIF nos anos de 2018, 2019, 2022 e 2023 considerando as características desta competição.

Metodologia

Esta pesquisa longitudinal apresenta um caráter exploratório, pois se trata da análise de uma temática ainda pouco explorada. Esta metodologia tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, a fim de torná-lo mais explícito, além de construir hipóteses para estudos mais aprofundados (Marconi e Lakatos, 2017; Gil, 2019). As análises dos dados foram realizadas por meio de abordagens quantitativas e qualitativas, com a finalidade de contextualizar a representatividade feminina nas quatro últimas edições dos JIF.

Os dados analisados foram obtidos a partir dos regulamentos e boletins publicados nas edições de 2018 e 2019 dos JIF, além do relatório geral de inscritos nas edições de 2022 e 2023. Esta mudança ocorreu devido ao fato de que, a partir da edição de 2022, a Comissão Organizadora dos Jogos das Instituições Federais (COJIF) passou a contar com um sistema eletrônico de inscrição. Todos os dados coletados foram tabulados e analisados nos programas Excel 14.0 (Office 2010) e BioEstat 5.3, onde foi realizado o Teste T para amostras pareadas, a fim de identificar o nível de significância ($p \leq 0,05$), a partir do percentual de participantes de acordo com o gênero em relação ao tipo de modalidades.

Resultados e discussão

Antes de apresentar os resultados, destacamos que nenhum dado relacionado à modalidade de atletismo foi considerado nesta análise, devido à incompatibilidade de resultados observados nos boletins finais das edições de 2018 e 2019, o que impossibilitou identificar o quantitativo geral de participantes nesta modalidade. Outro ponto importante para a interpretação dos dados refere-se à possibilidade de inscrever um mesmo estudante em até duas modalidades coletivas e duas modalidades individuais, como previsto nos regulamentos. Isso significa que, considerando o número de atletas por modalidade, esse número possivelmente representa um total maior que o número de atletas presentes na competição.

Sendo assim, ao analisar o número de participantes das etapas nacionais dos JIF nos anos de 2018, 2019, 2022 e 2023, de acordo com o gênero, podemos observar no gráfico 1 que houve

uma superioridade no número de participantes masculinos, independentemente do modelo de competição realizado (com seletivas ou não). Ao verificar as possíveis explicações para esses valores, identificamos nos regulamentos que, desde a edição de 2013, a modalidade futebol de campo é proposta apenas para o gênero masculino, o que representa a participação de pelo menos 96 estudantes a mais que o feminino.

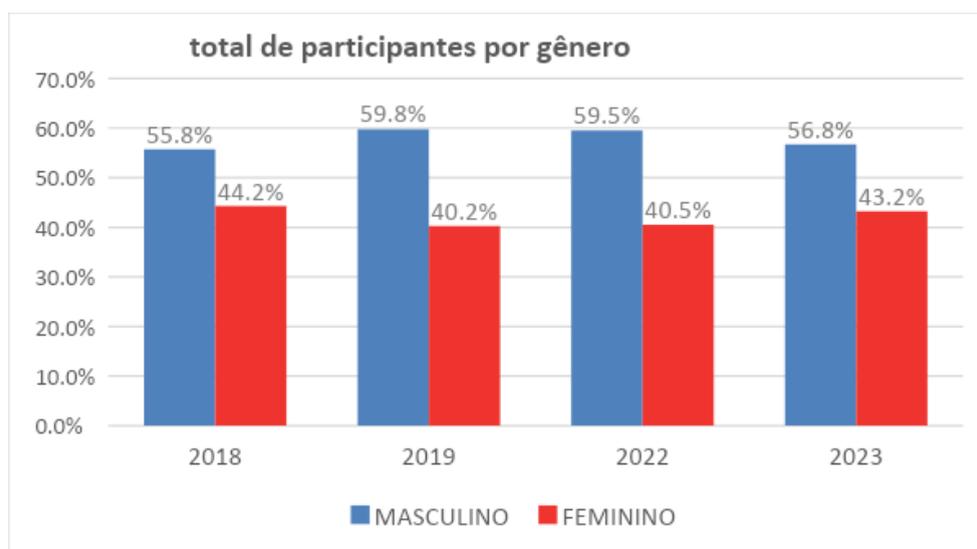


Gráfico 1. Percentual do número de participantes nas edições do JIF 2018, 2019, 2022 e 2023, de acordo com o gênero.

Fonte: autoras, 2024.

A fim de identificar quais modalidades esportivas são responsáveis por elevar o número de participantes de acordo com o gênero, as modalidades foram agrupadas de acordo com suas características, sendo: coletivas (basquete, futebol, futsal, handebol e vôlei) e individuais (judô, natação, tênis de mesa, xadrez e vôlei de praia). A partir desta análise, foi possível observar o percentual de estudantes inscritos nas modalidades coletivas, como apresentado no gráfico 2, que mostra uma superioridade de estudantes do sexo masculino nas quatro edições avaliadas, chegando a 27,6% de diferença entre os sexos na edição de 2019. Com o objetivo de comparar esses números, foi utilizado o Teste T para amostras pareadas, apresentando um valor de significância de $p = 0,0071$, ou seja, ($p < 0,05$), revelando assim uma diferença significativa entre o percentual de participação de cada gênero (masculino e feminino).

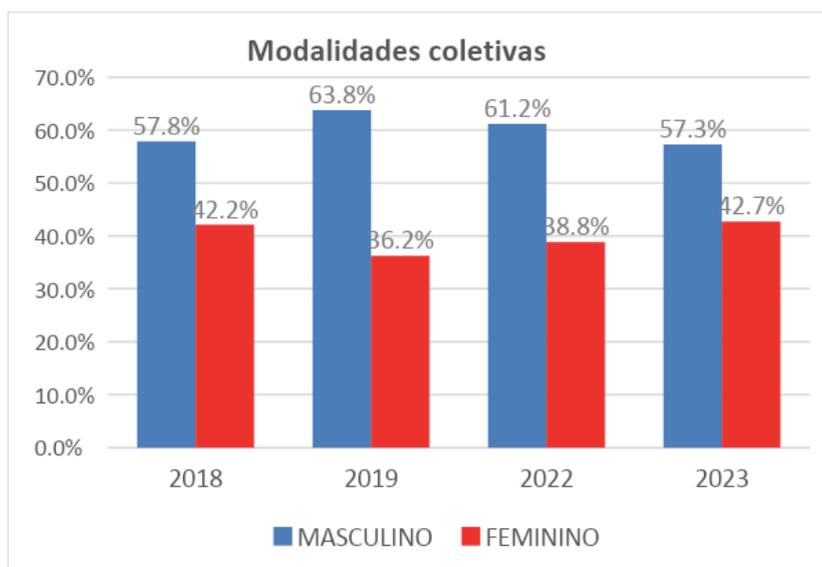


Gráfico 2. Percentual do número de participantes nas modalidades coletivas de acordo com o gênero. Significância $p=0,007$.
Fonte: autoras, 2024.

O mesmo modelo de análise foi realizado considerando o percentual de inscritos nas modalidades individuais de acordo com o gênero, como pode ser observado no gráfico 3. De forma geral, o gênero masculino permaneceu sendo a maioria dos participantes em todas as edições. Destacamos que, na edição de 2019 (sem seletivas), houve um aumento no número de participantes do sexo feminino nas modalidades individuais, o que representou a menor diferença percentual entre os sexos (2,4%). A partir da análise do Teste T para amostras pareadas, identificamos o valor de $p = 0,0378$ ($p < 0,05$), ou seja, para as modalidades individuais, também houve diferença significativa entre o percentual de participação de cada gênero (masculino e feminino).

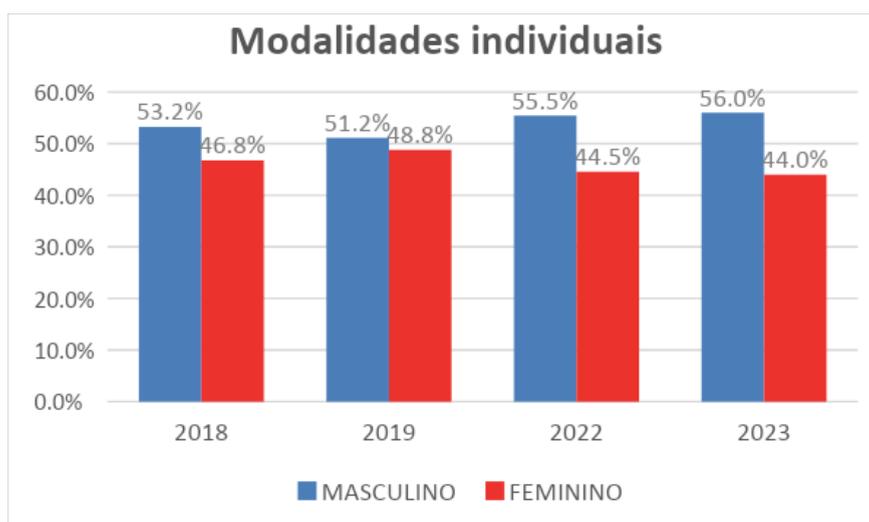


Gráfico 3. Percentual do número de participantes nas modalidades individuais de acordo com o gênero. Significância $p=0,03$.

Fonte: autoras, 2024.

Reflexões finais e conclusão

Com base nas análises realizadas, concluímos que há uma diferença significativa na participação de estudantes do sexo masculino e feminino nas modalidades esportivas dos Jogos das Instituições Federais (JIF). Essa diferença é observada tanto nas modalidades coletivas quanto nas individuais, com o gênero masculino apresentando maior representatividade em todas as edições avaliadas, independentemente da realização de seletivas ou não.

Esses dados corroboram os estudos de Almeida e Fonseca (2013), que observaram diferenças significativas em relação ao maior número de participantes do sexo masculino em relação ao sexo feminino nos jogos escolares da cidade de Vacaria-RS. No trabalho de Costa et al. (2017), apesar de não ressaltarem em seu estudo comparações a respeito do gênero, apresentam dados referentes aos Jogos Escolares do Paraná, especificamente das competições realizadas no município de Curitiba entre os anos de 2004 a 2013, mostrando que durante esse período a participação das equipes masculinas foi bastante superior às femininas, tanto na categoria de 12 a 14 anos, com 414 equipes masculinas e 320 femininas, quanto na categoria de 15 a 17 anos, com 649 equipes masculinas e 380 femininas. Na dissertação de mestrado de Silva (2023), que buscou analisar as questões de gênero nos Jogos Escolares de Mato Grosso do Sul (2015 a 2019), ao avaliar a participação por modalidades esportivas, a autora observou que, com exceção do vôlei, nas demais modalidades, basquete, handebol e principalmente futsal, houve predominância do número de atletas do sexo masculino nas competições.

Com relação aos números observados no presente estudo, levantamos a reflexão sobre quais seriam os motivos que influenciam a menor participação feminina das estudantes das Instituições Federais de Ensino nos jogos. Questões sociais referentes ao preconceito dos familiares, responsabilidades domésticas, prioridades “socialmente determinadas”, políticas institucionais de incentivo à participação das meninas em projetos esportivos, promoção do esporte para mulheres nas instituições de ensino, entre tantas outras possibilidades, poderá ser averiguadas de forma mais aprofundada em estudos futuros. Esses achados ressaltam a necessidade de políticas e iniciativas que promovam uma maior equidade de gênero nas competições esportivas, incentivando a participação feminina e garantindo um ambiente mais inclusivo para todos os estudantes.

Referências

- Almeida, U. M., & Fonseca, G. M. M. (2013). Jogos escolares de Vacaria: Retrato da participação dos estudantes. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 11(1), 89-99. ISSN 2318-5104 | e-ISSN 2318-5090.
- Costa, I. P., Hercules, E. D., Caregnato, A., Silva, C. L. da, & Cavichioli, F. R. (2017). Jogos escolares do Paraná: Análise da competição no Município de Curitiba. *Educación Física y Ciencia*, 19(1), e023. <https://doi.org/10.24215/23142561e023>
- Cunningham, G. B., Wicker, P., & Walker, N. A. (2021). Editorial: Gênero e preconceito racial em organizações esportivas. *Frontiers in Sociology*, 6, 684066. <https://doi.org/10.3389/fsoc.2021.684066>.
- Ferreira, H. J., Salles, J. G., Mourão, L., & Moreno, A. (2013). A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. *Movimento*, 19(3), 103-124.
- Guarnier, L. (2021). Como a representatividade feminina na política afeta a produção de medalhas olímpicas por mulheres? [Monografia de conclusão de curso, Insper Instituto de Ensino e Pesquisa].
- Jaime, M. O., Ardengue, M., Andrade, V. M., Monteiro, G. B., & Malagutti, J. P. M. (2021). A representatividade de treinadoras do sexo feminino em uma competição oficial. *Research, Society and Development*, 10(11), e169101119305. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i11.19305>
- Joncheray, H., & Tlili, H. (2013). Ainda existem barreiras sociais para o rugby feminino? *Sport in Society*, 16(6), 772-788.
- Krahenbühl, T., & Alencar, A. L. (2023). Mulheres nos cargos de liderança no esporte: uma revisão da literatura. *Revista Pensar a Prática*, 26, e75925. <https://doi.org/10.5216/rpp.v26.75925>
- Martinez-Pascual, B., Alvarez-Harris, S., Fernández-De-Las-Peñas, C., & Palacios-Ceña, D. (2014). Maternity in Spanish elite sportswomen: A qualitative study. *Women & Health*, 54(3), 262-279.
- Martins, M. Z., & Reis, H. H. B. (2024). Nivelando o campo de jogo do direito ao esporte e lazer no Brasil? Questões de gênero na Lei Geral do Esporte. *Licere*, 27(1). <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.52162>
- Moura, G. X. D. (2018). De in-goal a in-goal: A trajetória de mulheres no rugby no Brasil [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá].
- Moura, G. X. D. (2022). Por que não se importam com elas? O esporte de mulheres na agenda governamental do Brasil [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Maringá].

Oliveira, M. C., Ferreira, D., Fabrício, S. A., & Borba, J. A. (2019). A representatividade feminina na estrutura organizacional dos clubes de futebol brasileiros. In Anais do XIX USP International Conference in Accounting (pp. 1-15). São Paulo, SP, Brasil.

Pacheco, L. T., & Silva, S. R. D. (2020). Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. *Revista Estudos Feministas*, 28(3), e61002.

Pimentel, G. G. A., & Azevedo, A. S. (2024). Skate das meninas: o desafio da gestão no esporte de aventura em promover a igualdade de gênero. In Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (pp. 1-10). São Paulo, SP, Brasil.

Rubio, K., & Camilo, J. A. O. (Eds.). (2019). *Psicologia social do esporte*. Képos.

Silva, W. C. da. (2023). *Educação física e gênero: Uma análise dos jogos escolares de Mato Grosso do Sul (2015 – 2019)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas].

Teles Neta, M. C. (2023). *Representação da mulher no esporte: o atletismo em questão* [Monografia de conclusão de curso, Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Educação Física e Esporte].

Vogel, K., Larsen, B., McLellan, C., & Bird, S. P. (2024). Female athletes and the menstrual cycle in team sports: Current state of play and considerations for future research. *Sports*, 12(4). <https://doi.org/10.3390/sports12010004>